

E-Book Gratuito

# KIMBANDA

Magia brasileira



T.U.C.P.B.

# Índice

1. Os Povos Bantu.
2. A Morte Branca.
3. A Divindade se torna Ancestral.
4. Dívida Histórica.
5. Exu é o Diabo?.
6. Pombagira, Senhora da Vida.
7. Os Caminhos da Kimbanda.
8. Estrutura Astral

# Os Povos Bantu

No início do período colonial, a chegada dos povos Bantu ao Brasil marcou um dos processos mais intensos de troca cultural e resistência espiritual da história. Originários de regiões como Angola, Congo e Moçambique, esses povos foram forçados a uma realidade de extrema opressão e escravidão. No entanto, trouxeram consigo suas crenças, práticas e saberes profundos, entre eles o conhecimento da Kimbanda, um sistema de cura e espiritualidade que incluía a manipulação de forças da natureza, medicinas naturais e a comunicação com o mundo espiritual.

O termo "Kimbanda" originalmente designava os curadores e mestres espirituais nas sociedades bantu, aqueles que compreendiam os mistérios das ervas, da cura e da mediação espiritual. Esses curadores adaptaram-se ao contexto brasileiro utilizando as ervas nativas, colaborando com os povos indígenas que já possuíam conhecimento das plantas locais. Como os remédios do território africano eram escassos ou inexistentes no Brasil, os praticantes de Kimbanda resignificaram sua medicina natural, reinterpretando seus saberes e adaptando-se às novas condições. Assim, as práticas de cura se transformaram, misturando a sabedoria ancestral com a flora nativa e criando uma forma de medicina híbrida, eficaz tanto para o tratamento físico quanto para a proteção e o equilíbrio espiritual.

A resistência à opressão se dava de múltiplas maneiras. Os praticantes de Kimbando utilizavam as ervas não apenas para tratar doenças físicas, mas também para curar as feridas espirituais e emocionais causadas pela brutalidade do sistema escravagista. Através de rituais e remédios naturais, eles restauravam sua força e mantinham viva sua identidade, estabelecendo laços profundos com suas raízes culturais. O conhecimento espiritual também foi um meio de fortalecer a unidade entre os escravizados, pois permitia que eles mantivessem seus ritos, que eram uma fonte de poder e resiliência coletiva. Ao realizar seus rituais, muitas vezes escondidos ou disfarçados, reafirmavam a conexão com os ancestrais, o que lhes conferia a coragem e a esperança necessárias para suportar as adversidades diárias.

Os povos bantu trouxeram consigo também uma divindade chamada Pambunijila, um espírito de transformação, guardião dos portais espirituais e das encruzilhadas. Pambunijila é considerado o espírito que atua na fronteira entre o mundo material e o espiritual, facilitando a comunicação entre ambos e protegendo os caminhos daqueles que o reverenciam. Em solo brasileiro, essa divindade preservou-se entre os descendentes dos bantu, mas sua essência se expandiu com a chegada dos povos iorubás, que mais tarde trouxeram Exu, uma divindade com aspectos e funções semelhantes.

Exu, como Pambunijila, também é uma figura de ligação entre mundos e guardião das passagens, mas com o tempo foi absorvido de forma particular na Kimbanda brasileira, gerando uma rica sincronia entre tradições.

A Kimbanda, portanto, não é apenas um sistema espiritual, mas uma prática de resistência e de afirmação cultural, que se reinventou para sobreviver à opressão. Em um ambiente onde suas culturas eram constantemente negadas e reprimidas, a Kimbanda surgiu como um espaço de liberdade e uma forma de preservar o que foi transmitido por gerações. A resiliência dos povos bantu permitiu que a Kimbanda permanecesse viva, adaptando-se e se enriquecendo com novas influências, mas sempre centrada no princípio da cura, da proteção

# A Morte Branca

O processo de demonização dos cultos afro-brasileiros é uma das faces mais dolorosas da opressão histórica sofrida pelos negros trazidos da África. Desde a chegada dos primeiros africanos escravizados ao Brasil, houve uma tentativa contínua e sistemática de erradicar suas raízes culturais e espirituais. Para a sociedade colonial, o “feiticeiro negro” – o curandeiro e conhecedor das tradições ancestrais – era uma ameaça à ordem social imposta. Assim, qualquer prática religiosa que envolvesse seus orixás, ancestrais ou divindades foi vista com medo e preconceito, rotulada como feitiçaria, bruxaria ou até como pacto com o “mal”.

Esse movimento de repressão foi além da proibição de rituais e da criminalização de práticas sagradas; era também um processo de apagamento cultural, uma “morte branca” do feiticeiro negro, onde a negação da espiritualidade africana era parte de uma tentativa de desumanizar os negros e desconectá-los de suas origens. As autoridades coloniais e a sociedade branca buscavam eliminar a cultura africana, obrigando os escravizados a abandonarem seus nomes, histórias e identidades, e a se conformarem com uma nova realidade imposta. A tentativa era a de apagar qualquer vínculo com suas terras natais, na expectativa de que, sem raízes, o povo negro se tornasse mais submisso e distante de sua própria identidade.

Entretanto, mesmo sob extrema opressão, as práticas afro-brasileiras encontraram maneiras de sobreviver e se reinventar. As divindades e os espíritos ancestrais não eram apenas figuras de devoção; eram expressões da própria natureza, e a natureza, por mais que seja atacada, sempre encontra formas de se adaptar e renascer. Esse processo de resiliência se refletiu na capacidade dos praticantes afro-brasileiros de esconder suas tradições sob disfarces ou de incorporá-las de maneira sutil em um contexto de repressão. Deuses africanos foram ressignificados, e muitas práticas foram adaptadas e camufladas em uma nova expressão cultural afro-brasileira, resistente às tentativas de aniquilação.

As divindades afro-brasileiras, ligadas aos elementos da natureza como rios, montanhas, ventos e oceanos, são inerentes ao mundo material e espiritual. Não importa quantos ataques essas práticas tenham sofrido, elas se reinventaram, assim como a natureza, que sempre volta a florescer após as tempestades. O culto aos orixás, inquices e voduns permaneceu vivo, pois sua essência transcende o tempo e as circunstâncias. A conexão com a natureza é a essência desses cultos, e a natureza é indomável, persistente, sempre retornando com força após períodos de destruição.

Apesar da brutalidade da escravidão e da repressão cultural, a força espiritual do povo negro resistiu e perdurou, sendo preservada e transmitida por gerações. As práticas afro-brasileiras de cura, proteção e conexão com o divino mantiveram-se vivas, representando uma resistência simbólica e prática contra a tentativa de apagamento. Essa capacidade de reinvenção não apenas salvaguardou as tradições africanas no Brasil, mas também mostrou ao mundo a força de uma espiritualidade enraizada na resistência, na resiliência e na eterna renovação da natureza.

A demonização dos cultos afro-brasileiros visava romper a conexão dos negros escravizados com suas tradições, mas figuras como Exu e Pambunijila tornaram-se símbolos de resistência e proteção. Na cosmovisão africana, essas divindades são guardiãs das encruzilhadas e intermediárias entre o mundo físico e espiritual. No Brasil colonial, seu papel foi ressignificado: usados como símbolos de proteção, Exu e Pambunijila geravam temor nos colonizadores, criando um escudo invisível para preservar os rituais afro-brasileiros.

A simples menção a esses nomes afastava aqueles que tentavam controlar as práticas negras, permitindo que suas tradições sobrevivessem.

# A Divindade se torna Ancestral

No contexto afro-brasileiro, as divindades passaram por um processo de transformação, tornando-se ancestrais vivos e atuantes nos terreiros. Esse fenômeno é exemplificado por Pambunijila, que, ao chegar ao Brasil com os povos bantu, foi ressignificada como Pombagira. Agora, ela carrega os mistérios do feminino, da sensualidade e da proteção. Manifestações como a Pombagira das Rosas surgem, preservando a essência de Pambunijila, mas com uma identidade brasileira que se aproxima dos fiéis, atuando diretamente como protetora.

De maneira semelhante, Exu, divindade iorubá guardião das encruzilhadas, se transformou em Exu das 7 Encruzilhadas, um ancestral de terreiro. Continuando como guardião e mensageiro, ele agora se integra à realidade brasileira, sendo reverenciado nos rituais dos terreiros.

Essas transformações mostram como a espiritualidade afro-brasileira é viva e adaptável, preservando suas raízes e, ao mesmo tempo, se integrando à nova terra. A divindade se torna ancestral, e figuras como Exu das 7 Encruzilhadas e Pombagira das Rosas continuam atuantes e presentes na vida dos devotos e no coração dos terreiros.

# Dívida Histórica

A dívida histórica do povo branco para com as divindades Exu e Pambunijila (ou Pombagira) está profundamente ligada à marginalização e demonização dessas entidades durante o período colonial. Quando os africanos foram trazidos ao Brasil como escravizados, suas crenças e divindades foram sistematicamente desvalorizadas e associadas ao mal. Exu, por exemplo, que na tradição africana é o mensageiro e guardião das encruzilhadas, foi erroneamente identificado com o diabo pela Igreja e pela sociedade branca. Pambunijila, por sua vez, ao ser reconfigurada como Pombagira, foi associada à figura da “mulher da vida”, estigmatizada e distorcida para negar sua verdadeira essência como uma entidade de poder feminino e proteção.

Essas divindades, embora essenciais para a espiritualidade afro-brasileira, ainda vivem em uma posição periférica dentro da sociedade dominante, sendo vistas com desconfiança e muitas vezes ignoradas até que os problemas se tornem insustentáveis. O povo branco, ao longo da história, não apenas marginalizou essas entidades, mas também as reduziu a símbolos de algo maligno, sem compreender seu papel no equilíbrio espiritual e social.

Apenas quando suas próprias práticas ou crenças não conseguem mais resolver as questões que surgem, é que recorrem a Exu e Pombagira, buscando a ajuda dessas forças espirituais que, durante tanto tempo, foram negligenciadas.

Hoje, Exu e Pombagira continuam a ser invocadas em momentos de crise, quando as soluções convencionais falham. Elas são buscadas para abrir caminhos, resolver questões de amor, relações e proteção, mas ainda permanecem à margem, como entidades que só são procuradas quando a situação se torna impossível de controlar. Essa realidade revela como essas divindades, apesar de seu poder e relevância, ainda operam em um contexto de exclusão, sendo apenas acionadas quando as alternativas tradicionais não são mais eficazes.

É urgente resgatar a visão de Exu e Pombagira como entidades poderosas, que não estão à disposição apenas para servir a interesses externos, mas que têm um papel ativo dentro da espiritualidade e da sociedade brasileira.

# Exu é o Diabo?

A pergunta sobre se Exu é o diabo é comum, especialmente entre aqueles que não estão familiarizados com as tradições afro-brasileiras. No entanto, é importante compreender as diferenças fundamentais entre essas duas figuras. Exu, na tradição iorubá e em suas manifestações no Brasil, é uma divindade complexa e multifacetada. Ele é o mensageiro, o guardião das encruzilhadas e mediador entre os mundos físico e espiritual. Exu reconhece seu papel na criação e atua para mantê-la, facilitando a comunicação entre os seres humanos e os espíritos, sendo reverenciado nos terreiros de Umbanda e Candomblé.

Já o diabo, no imaginário cristão, é a personificação do mal absoluto, um ser maligno e enganador, contrário ao bem e à ordem divina, associado ao pecado, à tentação e à destruição.

Essas visões não se alinham. Exu é uma figura respeitada que contribui para o equilíbrio do universo e não é um opositor, mas sim uma entidade vital para a manutenção da ordem cósmica. Em contraste, o diabo é um ser em oposição ao divino. Portanto, Exu e o diabo pertencem a contextos religiosos e culturais distintos e não devem ser confundidos. Exu é uma divindade protetora e essencial na espiritualidade afro-brasileira.

# Pombagira, Senhora da Vida.

Pombagira é uma das figuras mais poderosas e enigmáticas da espiritualidade afro-brasileira, especialmente na Umbanda e no Candomblé. Sua imagem, muitas vezes associada à "mulher da vida", carrega o peso da demonização histórica da figura feminina no contexto patriarcal. Ao longo dos séculos, a mulher que não se encaixava nos moldes tradicionais de comportamento imposto pela sociedade patriarcal foi rotulada de maneira pejorativa. Pombagira, com sua sensualidade, liberdade e força, tornou-se alvo dessa distorção, sendo frequentemente vista como "perdida", "imoral" ou "sedutora". No entanto, ao se aprofundar em sua verdadeira essência, percebemos que Pombagira é muito mais do que essas interpretações reducionistas.

Pombagira é a Senhora das Paixões, do amor e dos encantos. Ela é a mulher que transcende as limitações impostas pela sociedade patriarcal, representando a liberdade de ser mulher em toda a sua plenitude. Ela não se submete aos padrões morais repressivos, mas sim se expressa em sua totalidade — com sensualidade, autonomia, emoções e desejos. Pombagira ensina que a mulher tem o direito de ser quem ela é, de viver suas paixões e de ser dona de sua própria história, sem culpa.

# Os Caminhos da Kimbanda

Os Senhores Exus são entidades profundamente enraizadas na espiritualidade brasileira, mas, ainda assim, muitas vezes incompreendidas nos terreiros de Umbanda e Quimbanda em todo o país. Nos rituais, é comum ver pessoas buscando um "Santo Milagreiro" ou uma solução rápida para problemas diversos, desejando transformações extraordinárias. Entretanto, Exu trabalha com um princípio diferente: ele valoriza o merecimento, a conquista que vem do esforço próprio, da luta constante e da perseverança individual. Assim, Exu não realiza mudanças sem causa justa; ele ajuda e abre caminhos àqueles que entendem a importância de assumir as rédeas de sua própria jornada, com consciência e responsabilidade.

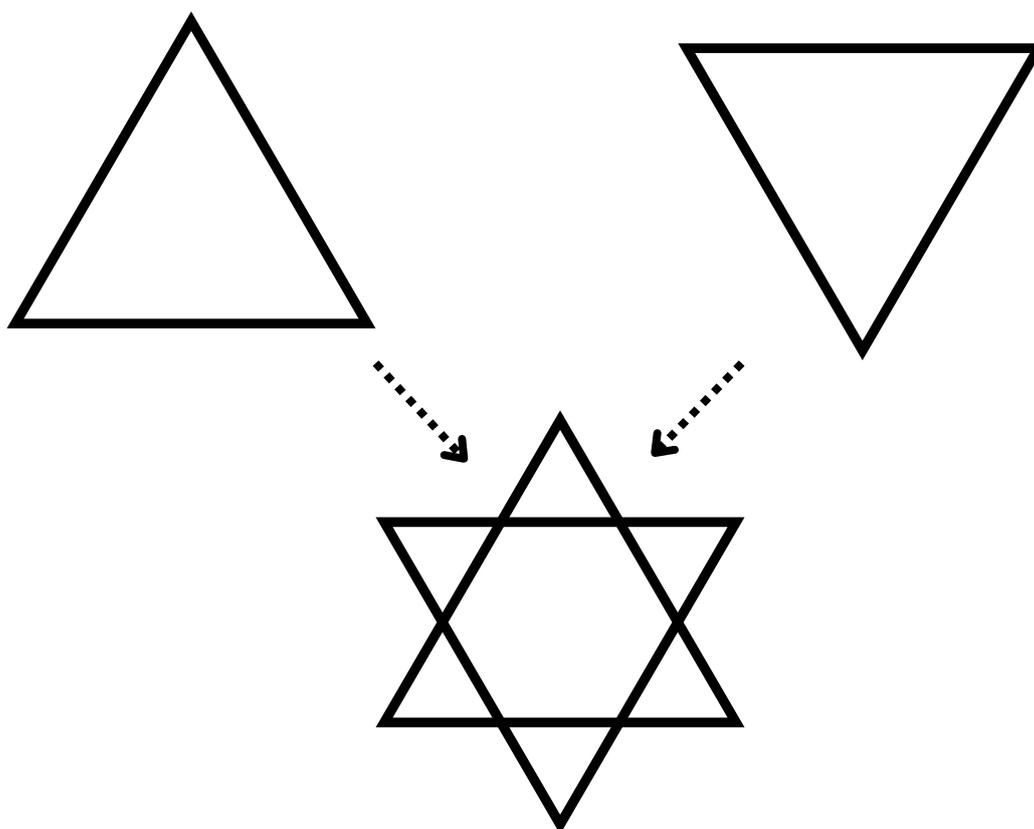
É importante destacar que a Kimbanda não tem ligação com práticas satânicas. Umbanda, em tradução, significa "cura", e Kimbanda significa "curador." Essa distinção é fundamental para entender a verdadeira natureza dessas práticas espirituais, que se concentram no amor, na caridade.

Exu é conhecido como parte do "Povo de Rua" e, simbolicamente, a rua é seu espaço sagrado. Ela representa o lugar de oportunidades, onde não existem donos, e todos são tratados igualmente. Na rua, encontramos liberdade e movimento, valores essenciais para Exu, que ensina que é ali que podemos construir o próprio caminho, lidando com a realidade sem ilusões e aceitando a responsabilidade das próprias escolhas. A rua, para Exu, é o espaço da coletividade, onde convivemos com diferenças e experimentamos o poder da liberdade em seu sentido mais puro.

Além disso, Exu é o guardião das encruzilhadas — pontos onde diferentes caminhos se encontram, e que simbolizam os momentos de decisão em nossa vida. A encruzilhada é um lugar neutro, onde múltiplas possibilidades se apresentam, e Exu nos convida a refletir sobre a responsabilidade e as consequências de nossas escolhas. Ele atua como um guia nesse espaço, oferecendo discernimento para que cada um de nós possa optar pelo caminho que realmente reflete nossos valores e desejos. Na visão de Exu, a encruzilhada representa mais do que liberdade; ela é o espaço onde se manifestam as consequências das ações e onde cada um assume o poder de decisão que molda o próprio destino.

# Umbanda

# Kimbanda



A imagem ilustra o conceito de equilíbrio entre os aspectos espirituais e materiais, representado pela interação entre a Umbanda e a Kimbanda. O triângulo com a ponta para cima simboliza a Umbanda, associada ao caminho espiritual, ao desenvolvimento interior e à busca pela luz. Esse caminho representa o lado sutil da existência, que busca a elevação, a conexão com os Orixás e guias, e o cultivo da compaixão e da caridade. Por outro lado, o triângulo com a ponta para baixo representa a Kimbanda, que trabalha com os aspectos terrenos e materiais. , conectando-se com as forças e energias voltadas para a ação no plano físico.

A Kimbanda é vista como a prática da "ação justa" no mundo material, onde os Exus e Pombagiras, guardiões e guias, auxiliam na realização de justiça e na proteção daqueles que os procuram. Eles trabalham nas encruzilhadas e nos caminhos da vida, onde decisões precisam ser tomadas e onde desafios materiais exigem equilíbrio e sabedoria.

Quando esses dois triângulos se sobrepõem, formando a estrela de seis pontas, temos o símbolo do equilíbrio entre o espiritual e o material. Esse equilíbrio é essencial para uma vida plena, onde tanto a elevação espiritual quanto a realização material coexistem em harmonia. Na perspectiva da Kimbanda, a ação justa no mundo material é essencial para que a espiritualidade se manifeste de forma concreta, respeitando os princípios de justiça e ordem, e garantindo que cada um receba conforme seus atos e intenções.

Assim, a Umbanda e a Kimbanda se complementam, trazendo equilíbrio entre o mundo espiritual e o material. A Kimbanda, ao nos ensinar a agir com justiça e a tomar decisões corretas no plano físico, permite que possamos avançar espiritualmente com maior consciência e integridade

# Estrutura Astral

Na Kimbanda, existem sete Exus Chefes de Legião que representam os Exus ancestrais. Esses são: Sete Encruzilhadas, Pombagira, Tiriri, Gira Mundo, Tranca Ruas, Marabô e Pinga Fogo.

Os subchefes, chamados cruzados, ajudam os chefes de legião a manter a ordem e a harmonia entre os membros. Embora não sejam os líderes, eles são muito importantes para que tudo funcione bem e que o conhecimento seja passado corretamente.

Os executores, ou espadados, têm a tarefa de garantir que as regras sejam seguidas. Eles fazem com que a justiça aconteça e que as ações erradas tenham consequências, representando a autoridade da tradição.

Resumo:

- **Coroados:** São os chefes de legião que guiam e protegem a sabedoria espiritual.
- **Cruzados:** São os subchefes que ajudam os chefes e mantêm a harmonia.
- **Espadados:** São os responsáveis por garantir que a justiça e as regras sejam respeitadas.

Na tradição de Kimbanda de nossa família espiritual, cada Exu Chefe de Legião é acompanhado por falanges com nomes e qualidades específicas. Essas falanges representam os aspectos únicos de cada Exu, manifestando suas funções e simbolismos de maneiras diversas.

### **Exu 7 Encruzilhadas**

Falanges: Exu 7 Pembas, Exu 7 Ventanias, Exu 7 Poeiras, Exu 7 Chaves, Exu 7 Capas e Exu 7 Cruzes.

### **Exu Tranca-Ruas**

Falanges: Exu Veludo, Exu Tira-Toco, Exu Porteira, Exu Limpa-Tudo, Exu Tranca-Gira e Exu Tira Teima.

### **Exu Marabô**

Falanges: Exu Capa Preta, Exu Lonan, Exu Bauru, Exu das Matas, Exu Campinas e Exu Pemba.

### **Exu Gira-Mundo**

Falanges: Exu Meia-Noite, Exu Quebra Pedra, Exu Ventania, Exu Mangueira, Exu Corcunda e Exu das Pedras.

## **Exu Pinga Fogo**

Falanges: Exu Lodo, Exu Brasa, Exu Come Fogo, Exu Alebá, Exu Bara e Exu Caveira.

## **Exu Tiriri**

Falanges: Exu Mirim, Exu Toquinho, Exu Ganga, Exu Manguinho, Exu Lalu e Exu Veludinho.

## **Sra. Pombagira**

Falanges: Pombagira Carangola, Pombagira Má-Cangira, Pombagira Nanguê, Pombagira Maré, Pombagira Gererê e Pombagira do Mar.

É importante lembrar que essa estrutura é apenas uma base de conhecimento sobre as falanges, e não uma limitação. Muitos outros nomes e energias podem ser adicionados de acordo com a linhagem e as características de cada Exu. Cada família espiritual tem sua própria maneira de organizar e interpretar os Exus e suas falanges, resultando em diferentes perspectivas e práticas. Isso enriquece a diversidade da Kimbanda e reflete a riqueza de cada tradição familiar, que traz novos elementos ao universo dos Exus.

Agradeço sinceramente a todos que se permitiram essa reflexão e compartilharam desta jornada de conhecimento e espiritualidade. Que este e-book seja uma fonte de luz e renovação para a compreensão da Umbanda, trazendo à tona sua história e essência, tantas vezes esquecidas ou romantizadas.

Com gratidão,

Yago Romero ( Tambyara )

Sacerdote Dirigente do **T.U.C.P.B.**



**T.U.C.P.B.**